

XCLUSIVE

# FEED & FOOD

PORTA-VOZ DA AGROINDÚSTRIA DA CADEIA DE PROTEÍNA ANIMAL

Ano 17  
nº 205  
Mai 2024

DC7  
COMUNICA



ENTREVISTA  
DO MÊS  
PAULO FARIA  
REALÇA AÇÕES  
DO MPA

ESPECIAL  
O PAPEL DOS  
ZOOTECNISTAS  
NA PRODUÇÃO  
SUSTENTÁVEL

## NOVAS ESTRATÉGIAS PARA ESTAR NO TOPO

AO REDESENHAR NEGÓCIOS NO SETOR DE NUTRIÇÃO ANIMAL, ADM REAFIRMA COMPROMISSO DE SER UMA PARCEIRA COMPETITIVA DA INDÚSTRIA BRASILEIRA. INOVAÇÃO, SUSTENTABILIDADE, DIGITALIZAÇÃO E EFICIÊNCIA OPERACIONAL MARCAM ESSA NOVA FASE





# OS RISCOS DAS IMPORTAÇÕES DE CAMARÃO MARINHO

ITAMAR ROCHA<sup>1</sup>

abccam@abccam.com.br / ipr1150@gmail.com

**P**rimeiramente se ressalta que a contínua queda dos preços praticados pelos principais mercados importadores mundiais de camarão marinho cultivado vem colocando em polvorosa os produtores de camarão dos principais países produtores/exportadores, com ênfase para o Equador, maior produtor e maior exportador, seguido pela Índia, terceiro maior produtor e segundo maior exportador e, o Vietnã, quarto maior produtor e terceiro maior exportador mundial, cujo destaque é o fato de que os referidos países dependem quase que exclusivamente das exportações.

Basta ver o exemplo do Equador, líder mundial da produção (1.430.000 t) e das exportações (1.215.000 t / US\$ 6,29 bilhões) de camarão cultivado em 2023, cuja produção continua em pleno cresci-

mento, mas as exportações de janeiro e fevereiro de 2024 (180.592 t), comparadas ao mesmo período de 2023 (188.454 t), começam a enfrentar problemas, cujo principal importador, a China, já apresentou uma redução de (-15%), o que acendeu as luzes de alerta e preocupações tanto para o Equador como para os produtores brasileiros, preocupados com os camarões contaminados com a EMS e outras doenças presentes na sua carcinicultura.

Na verdade, quando se associa a queda de (-11,22%), nos preços de venda de janeiro e fevereiro de 2024, em relação a 2023 (Figura 01), com a elevação dos custos de produção, acrescidos do aumento do óleo diesel, do imposto sobre exportações (ISD), dos custos com segurança, se chegou a um valor de US\$ 2,16/kg/2023, em relação aos custos de 2022. O que, associado a redução do pre-

ço médio do kg exportado em 2023 (US\$ 5,18 / kg), em relação a 2022 (US\$ 6,18 / kg), representando uma perda de (US\$ 1,0 / kg), correspondendo a (-US\$ 1,215 bilhão), contribuindo para uma expressiva queda de liquidez da carcinicultura equatoriana e afetando seriamente a rentabilidade e a sustentabilidade setorial.

Já em relação ao Brasil, quando se considera que o mercado interno consumiu mais de 200 mil toneladas de camarão marinho (cultivado e extrativo), em 2023, com preços superiores aos praticados pelo mercado internacional, sem qualquer exportação, ocorreu um despertar por parte dos países líderes mundiais na produção de camarão cultivado (Equador, Índia e Vietnã), bem como do Peru e, naturalmente, da Venezuela, que já projeta produzir 120 mil t em 2024 para o mercado brasileiro. De for-

ma que, em face dos “riscos sanitários associados”, se não forem tomadas as devidas ações administrativas ou judiciais, a sanidade da carcinicultura e da rica biodiversidade de crustáceos naturais (sirís, caranguejos, camarões e lagostas) do Brasil poderá ser afetada.

Nesse sentido, merece destacar-se o fato de que o Equador (256.370 Km<sup>2</sup> e 600 km de costa), com toda sua deficiente infraestrutura básica, notadamente de estradas e energia elétrica, afora as diversas doenças de notificação obrigatória, depois de ter sido duramente afetado pela mancha branca (WSSV) em 1999, tendo produzido (77.400 t) e exportado (58.011 t) menos camarão cultivado do que o Brasil (90.190 t / 58.455 t), em 2003, se recuperou de tal ordem, que entre 2003 e 2023, sua produção de camarão cresceu para 1.430.000 t (1.747,5%) com exportações de US\$ 6,28 bilhões, enquanto a produção do Brasil (8.515.767 km<sup>2</sup> e 8.000 km de costa), cresceu para 180 mil t (99.57%), mas sem nenhuma exportação de camarão em 2023.

Inclusive, é importante ressaltar que o desempenho da carcinicultura do Equador, que de forma equivocada, vem sendo utilizado como prova da sanidade do seu camarão cultivado, na verdade, é o resultado do uso de pós-larvas de reprodutores SPF / SPR, associado ao fato de que o camarão marinho, *Penaeus vannamei*, ser nativo do Oceano Pacífico, que banha a costa equatoriana, o qual não sofre os efeitos negativos do estresse osmótico pelos processos de aclimação, sendo cultivados em baixa densidade, mas mesmo assim, com 50% / 60% de sobrevivência.

Pelo que, com a recente confirmação da presença da EMS/AHPND (Morte Súbita) na carcinicultura equatoriana, uma situação de natureza sanitária emergencial, considerando que, além da sanidade da rica biodiversidade brasileira de crustáceos (sirís, caranguejos, camarões e lagostas), se considera a defesa do bem-estar de milhares de micros e pequenos carcinicultores brasileiros, notadamente nas áreas interiores, que utilizando águas salobras e salitradas, impróprias para o consumo humano e dessedentação de animais, já está presente em mais de 300 (trezentos) municípios da Região Nordeste.

Inclusive, por meio dessa nova atividade primária, cujo mérito, é sem dúvida, a não dependência de chuvas ou de

## INSIGHT COMERCIAL - EXPORTAÇÃO DO EQUADOR

### COMPARATIVO EXPORTAÇÕES DE CAMARÃO DO EQUADOR:

**JAN / FEV - 2023**

**EXPORTOU:** 188.354 T

**VALOR:** US\$ 1,027 BI

**PREÇO UNITÁRIO:** US\$ 5,45/KG

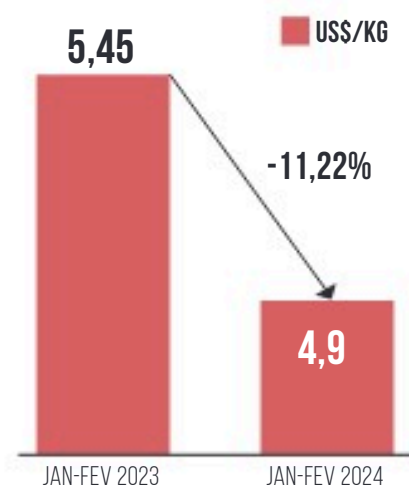
**JAN / FEV - 2024**

**EXPORTOU:** 180.592 T

**VALOR:** US\$ 885 MI

**PREÇO UNITÁRIO:** US\$ 4,90/KG

**DECLÍNIO DE 11,22% NO PREÇO UNITÁRIO**



Fonte: ABCC, Undercurrent News - Março/2024

ciclos de produção definidos, estão sendo transformadas as então precárias sócio-economias rurais, numa nova ordem econômica, utilizando as abundantes águas oligohalinas, salobras, estuarinas e marinhas, gerando micros, pequenos, médios e grandes negócios, bem como renda e empregos, inclusive para mulheres nas indústrias de processamento e agregação de valor ao camarão processado, inclusive, já contribuído para a

EM FACE DOS “RISCOS SANITÁRIOS ASSOCIADOS”, SE NÃO FOREM TOMADAS AS DEVIDAS AÇÕES ADMINISTRATIVAS OU JUDICIAIS, A SANIDADE DA CARCINICULTURA E DA RICA BIODIVERSIDADE DE CRUSTÁCEOS NATURAIS (SIRIS, CARANGUEJOS, CAMARÕES E LAGOSTAS) DO BRASIL PODERÁ SER AFETADA

desafiante e até então, improvável reversão do êxodo rural da Região Nordeste.

Na verdade, trata-se de uma atividade produtiva, que já envolve um universo de mais de 3,3 mil carcinicultores, do Maranhão à Bahia, cuja esmagadora maioria (95%) são micros (70%), pequenos (15%) e médios (10%) produtores, que responderam por 70% (126.000 t) da produção nacional (180.000 t / 2023),

além da geração de 130.000 empregos, para trabalhadores rurais, contratados sem exigência de qualificação, incluindo mulheres nas indústrias de processamento, na grande maioria, no seu primeiro emprego com carteira assinada, contribuindo para estancar e reverter o nefasto êxodo rural, um verdadeiro flagelo para o semiárido da Região Nordeste.

De forma que, pela gravidade da confirmação da EMS (Morte Súbita) na Carcinicultura do Equador e, tendo presente as excepcionais oportunidades que a produção do camarão *Penaeus vannamei*, originado do Pacífico, mas estabelecido no Brasil desde o início da década de 1980, inclusive nas áreas interiores da Região Nordeste, vimos, com base na IN 02 / 2018, que dispõe sobre a “análise de risco de importações de organismos aquáticos e seus derivados”, cujo Artº 8º, Parágrafo Único, diz textualmente: “Na hipótese de ocorrência de emergência sanitária no país exportador, como medida de precaução, caberá a Secretaria Geral da Presidência da República, no caso atual, a SDA/MAPA, proceder a imediata suspensão da autorização de importação do organismo aquático que julgar de risco sanitário para a cadeia produtiva e para a fauna aquática do país”, requerer a imediata suspensão das importações de camarão do Equador, Perú ou qualquer outro país, sem a realização de ARI-Análise de Risco de Importação. ■

<sup>1</sup> Presidente da ABCC, presidente da MCR e diretor do DEAGRO/FIESP, membro titular do CONAPE/MPA